

## **Unidade Temática**

### **EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

A naturalização do preconceito racial no ambiente escolar: Uma reflexão necessária.

**CURITIBA – PARANÁ**

**2008**

**SUMÁRIO**

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	03
<b>2. A CONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA DA DESIGUALDADE RACIAL: UM PROCESSO HISTÓRICO</b>	06
2.1 Conhecer o passado para transformar o presente	06
2.2 Construção e consolidação do racismo no Brasil	11
<b>3. ESTUDANDO OS CONCEITOS</b>	13
3.1 Racismo	14
3.2 Preconceito	15
3.2.1 Preconceito Racial	16
3.3 Discriminação	17
3.3.1 Discriminação Racial	17
<b>4. RACISMO E SEUS DERIVADOS NA ESCOLA</b>	18
4.1 A linguagem como expressão de idéias e valores	20
4.2 Nomeando e Julgando	21
4.3 Expressão naturalizada do preconceito racial	23
4.4 Necessidades de Mudanças	27
4.5 Procedimentos didáticos / pedagógicos	28
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	33
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	35

## **A naturalização do preconceito racial no ambiente escolar: Uma reflexão necessária**

Edna Aparecida Coqueiro

Sociologia / PDE - 2008

Núcleo de Educação: Curitiba

IES: UFPR.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Mestra: Wanirley Pedroso Gueif

### **RESUMO:**

Este texto busca focar o desafio de educar para as relações étnico-raciais. Apresentamos um pequeno histórico da construção da ideologia racista, para subsidiar uma reflexão crítica e conseqüente sobre a naturalização do preconceito racial no interior da escola, tendo como objeto de estudo a sua manifestação através do uso de expressões pejorativas e piadas relacionadas às populações negras.

### **1- INTRODUÇÃO**

**Ninguém nasce odiando as outras pessoas pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se pode aprender a odiar, podem ser ensinadas a**

Trazer para dentro da escola a temática do racismo, do preconceito e discriminação racial para ocupar espaços importantes de discussão e práticas voltadas à educação que promovam o respeito à diversidade étnico-racial e cultural da sociedade brasileira é compreender que estamos vivendo um momento histórico na nossa sociedade que só agora reconhece, tanto legal como politicamente, a presença das populações de origem africana na formação da nação.

O que vivenciamos hoje é resultado de um longo processo de lutas e enfrentamentos da questão racial promovido pelos Movimentos Negros e todos os cidadãos que lutam para que aconteça o rompimento de idéias e valores que excluíram a história e a participação do povo africano da formação da cultura brasileira.

Engajados nessa luta, intelectuais como Abdias do Nascimento, Milton Santos<sup>1</sup> e outros semeadores da cultura da igualdade, desde as décadas de 80 e 90, chamam a atenção para a desigualdade nas relações étnico-raciais, propondo ações afirmativas para que o negro no Brasil também seja cidadão.

Por que foi e é preciso lutar? Para combater o racismo, introduzido pelas teorias racistas, que aplicadas de forma implícitas, fez com que o povo brasileiro não se enxergue como racista e preconceituoso. É comum ouvir dizer que não existem racismo e preconceito no Brasil. Tal negação dificulta a identificação das várias formas de manifestações do preconceito racial presente nas relações sociais cotidianas.

Segundo MUNANGA (2005, p 15 a 20), na sociedade brasileira o racismo é negado e / ou camuflado pelo mito da democracia racial<sup>2</sup>, ideologia que criou uma contradição entre o discurso e a prática, induzindo para um comportamento social que impede o descortinar da realidade para o desenvolvimento de ações educativas que levem o povo a superar a ideologia da desigualdade racial construída através de um longo processo histórico.

É muito importante sabermos que existiu e existe uma trama para embranquecer a sociedade brasileira. Um dos modos de fazer isto hoje é fazer o negro pensar como branco. É preciso desfazer esta forma de pensar para podermos descobrir como e onde se dá a discriminação e o preconceito racial.

Nesse contexto, a escola como uma instituição social importante no processo de socialização do indivíduo e um espaço que agrega múltiplas relações, tem desempenhado o papel de reprodutora do pensamento dominante, afirmando que

---

<sup>1</sup> Milton Santos: Advogado e Professor, Doutor em Geografia, escreveu importantes obras neste campo, mas também abordou com profundidade a questão racial no Brasil.

<sup>2</sup> Democracia Racial: Ideologia nacional apresentada pelo historiador e sociólogo Gilberto Freyre, onde este sustentava que o Brasil estava livre do racismo.(FREYRE apud TELLES, Edward Eric. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*, p. 50).

não existem tratamentos diferenciados, não existem preconceitos e discriminações em seu interior. No entanto, estudos e pesquisas atuais desenvolvidas por intelectuais que foram utilizados para fundamentar este estudo, como Eliane CAVALLEIRO (2000), Kabengele MUNANGA (2005), J.V.Gomes (1996), Conceição C. CHAGAS (1996) e outros que buscam compreender a dinâmica das relações plurirraciais e multirraciais na educação, revelam a existência de muitos conflitos nas relações cotidianas entre aluno (a) / aluno (a), professor (a) / aluno (a) aluno (a) / professor (a) brancos e negros, tendo como pano de fundo a diversidade racial, comprovando as sutilezas nas suas manifestações.

Por conta dessa realidade, a mobilização contra o racismo cresce continuamente. Muitos resultados já foram alcançados. Ações importantíssimas como a conquista da Lei 10.639 / 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), instituindo o ensino da história da África e Cultura Afro-brasileira nos currículos de todas as escolas do país, nos vários graus e modalidades de ensino, traz a possibilidade de se refazer a leitura da história contada até agora, onde a cultura trazida pelos africanos ficou excluída porque era vista como primitiva e negativa.

A efetivação da Lei 10.639/03 se deu com a Deliberação do Conselho Estadual de Educação do Estado do Paraná – (CEE / PR), no parecer 03/04, deixando explícitos os compromissos que doravante a educação deve ter com a mudança de mentalidade da sociedade brasileira, quando diz no artigo:

1º § 1º: A educação das Relações Étnico-Raciais tem por objetivo a divulgação e produção de conhecimentos, assim como de atitudes, posturas e valores que preparem o cidadão para uma vida de fraternidade e partilha entre todos, sem barreiras estabelecidas por séculos de preconceitos, estereótipos e discriminação que fecundam o terreno para a dominação de um grupo racial sobre outro, de um povo sobre outro. A reversão da história significa a desmistificação das idéias de inferioridade cultural, de abnegação e de predestinação para as condições subalternas e de desigualdade social.

Diante desse contexto histórico, neste estudo, abordaremos a questão das relações étnico-raciais e a discussão sobre prática do racismo, do preconceito e da discriminação no âmbito de toda sociedade contemporânea brasileira, mais especificamente trataremos da manifestação do racismo no ambiente escolar com o objetivo de por em prática, o que foi proposto e determinado pela Lei e pelo Parecer, envolvendo professores e alunos em debates e reflexões críticas sobre a necessidade de assumir compromisso com mudanças de atitudes, para que a escola desempenhe o papel de educar para o respeito à diversidade racial, para combater e desnaturalizar idéias, valores e estereótipos que inferiorizam o povo negro, de modo que seja possível construir uma identidade positiva e afirmativa da dignidade das populações negras.

## **2. A CONSTRUÇÃO DA IDEOLOGIA DA DESIGUALDADE RACIAL: UM PROCESSO HISTÓRICO**

A História da humanidade nos revela que os homens quando se organizaram em sociedade, o fizeram e ainda fazem, baseando-se em padrões e sistemas classificatórios e hierarquizantes das relações entre si, seja, por questões intelectuais, religiosas, econômicas ou raciais.

### **2.1 CONHECER O PASSADO PARA TRANSFORMAR O PRESENTE**

Neste trabalho vamos buscar conhecer um pouco de como foi construída a idéia da desigualdade entre as raças humanas.

Este é um fenômeno ideológico (MUNANGA, 2005), resultante de um longo processo de consolidação e fortalecimento de pensamentos, discursos e práticas que sobrevivem até os dias atuais, manifestando-se através dos preconceitos, discriminações e estereótipos.

Segundo o que nos consta, desde a Grécia Antiga tinha-se um pensamento corrente que indicava desigualdade entre os indivíduos, ou seja, todos que não pertencessem à sua raça (natural) eram classificados como bárbaros, inferiores,

portanto poderiam ser dominados e escravizados. Esta era uma justificativa para a dominação intelectual e o gozo dos privilégios. (SANT'ANA *apud* MUNANGA, 2005).

Na teoria aristotélica existia a defesa de que:

Uma parte dos homens nasceu forte e resistente, destinado expressamente pela natureza para o trabalho duro e forçado. A outra parte, (os senhores), nasceu fisicamente débil; contudo possuidora de dotes artísticos, capacitada, assim para fazer grandes progressos nas ciências filosóficas e outras.(SANT'ANA *apud* MUNANGA, 2005, p.43).

Esse raciocínio serviu de base para a tese de que uns haviam nascido para comandar, outros para obedecer. No centro deste pensamento estava a crença dos gregos na sua superioridade em relação ao bárbaro, do senhor em relação escravo, do nobre frente ao plebeu, concepções que indicavam a existência de uma desigualdade natural entre os homens, mas que no cerne das relações se transformava em desigualdade social.

A corrente filosófica de Aristóteles prevaleceu e permeou as teorias que mais tarde foram usadas para classificar os homens e também serviram para justificar a escravização dos indígenas e dos africanos.

Porém foi na Idade Média que se deu a fomentação dos fundamentos doutrinários e científicos da desigualdade entre os seres humanos, que a partir daí se caracterizava como desigualdade racial. (SANT'ANA, 2005).

As teorias elaboradas neste período tiveram bases teológicas. Intelectuais ligados à Igreja Católica Romana, servindo aos interesses econômicos da época, numa tentativa intensa de provar a inferioridade e a superioridade de uma raça<sup>3</sup> sobre a outra, desenvolveram idéias fundamentadas em textos bíblicos. (NASCIMENTO, 1994).

---

<sup>3</sup> Conceito de Raça: É uma idéia, uma construção social, com pouca ou nenhuma base biológica. Segundo Telles esta é a definição de consenso na sociologia. A raça existe apenas em razão das ideologias racistas. (TELLES, 2003, p. 38).

O livro de Gênesis, 9: 18-29, foi um dos textos geradores, apropriadamente usado para justificar a escravização do negro.

Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha. Bebendo do vinho embriagou-se e se pôs nu dentro de sua tenda. Cam, pai de Canaã vendo a nudez do pai, fê-lo saber, fora a seus dois irmãos. Então Sem e Jafé tomaram uma capa, puseram-na sobre os próprios ombros e andando de costas, rostos desviados, cobriram a nudez do pai, sem que a vissem. Despertando Noé do vinho, soube o Ihe fizera o filho mais moço. (MARÇAL *apud* COSTA e SILVA, 2007, p. 84).

E disse: “Maldito seja Canaã, que ele seja para seus irmãos o último dos escravos. Bendito seja Jafé, o Deus de Sem, e que Canaã seja seu escravo. Que Deus dilate a Jafé, e Canaã seja seu escravo” (BÍBLIA SAGRADA - Gênesis, 9: 18-27).

Referindo-se ao texto bíblico, NASCIMENTO (1994), também explica que este foi o instrumento utilizado para comprovar que a escravidão negra era uma consequência do pecado de Cam.<sup>4</sup>

A teoria elaborada a partir deste texto, discorre sobre a construção simbólica das origens dos povos. Cam, o filho pecador e amaldiçoado, chamado pai de Canaã (símbolo da África), Sem (símbolo da Ásia) e Jafé (símbolo da Europa).

Essa construção ideológica, totalmente dirigida ao negro, escravo do branco, foi herdada pelo Cristianismo e difundida como doutrina teológica nas sociedades que os europeus colonizavam, e a eles era dado o direito teológico de explorar os negros, como uma forma de redenção do pecado. (NASCIMENTO, 1994, p. 14).

---

<sup>4</sup> Cão ou Cam – Filho mais novo de Noé pecou ao ver a nudez de seu pai, não o protegeu e ainda anunciou a seus irmãos. Uma espécie de pecado original, que conforme o texto bíblico, por causa disso foi amaldiçoado e condenado à escravidão. Esse episódio foi usado pelos teólogos para associar a pele negra ao pecado, a escuridão e a escravidão.



Toda essa discussão teológica também buscou fundamentação na tese de negação da descendência de Adão e Eva, fomentando a idéia da desumanidade dos povos não cristãos, comparando-os a um animal irracional. Essa mesma linha de raciocínio foi transferida para os povos africanos quando os europeus entraram na África.

[...] à medida que as nações européias iam ampliando o seu domínio territorial até as novas regiões. Já não bastava desumanizar e negar a humanidade dos indígenas para justificar a conquista e a fortíssima exploração dos mesmos. Havia agora, de justificar o novo sistema escravista no qual envolveram os negros africanos e mais tarde os asiáticos. (DUNCAM apud SANT'ANA In: MUNANGA, 2005, p. 46).

O século XV é considerado o ponto de partida da construção da ideologia que propagou o racismo no pensamento desenvolvido na Idade Moderna, favorecendo a dominação e a destruição da cultura de povos não brancos. O foco principal foram os negros: “[...] as necessidades econômicas de exploração predisuseram o espírito europeu a desfigurarem completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais” (SANT'ANA apud MUNANGA, 2005, p. 46).

É neste século que V. de Lapouge, francês, teórico do racismo, descreve a história da humanidade como uma luta entre raças, evidenciando a superioridade da raça branca.

Também na França C. Seignobos defendeu a idéia de que os negros eram inferiores e precisavam da tutela e orientação dos povos brancos. Ainda neste século, na Europa, a teoria da desigualdade racial, mais uma vez, foi usada para justificar a exploração da mão de obra escrava dos povos colonizados.

A era Moderna foi o período em que a bateria cultural contra os negros foi consideravelmente ampliada pelo trabalho dos filósofos franceses que apresentaram reflexões originais, buscando na comparação das línguas humanas

uma explicação que afirmasse a superioridade dos povos brancos. Pensadores como Diderot, Voltaire, Montesquieu, Jean-Jacques Rousseau afirmavam que: As línguas primitivas estão mais próximas da matriz lingüística original e são pretéritas diante do linguajar moderno. (SILVA apud NASCIMENTO 1994, p. 16),

Em outras palavras, eles queriam dizer que a língua primitiva, ou seja, aquelas encontradas pelos europeus no processo de expansão colonial, são inferiores e selvagens, enquanto que a língua do colonizador era aperfeiçoada pela razão e estava em um estágio mais avançado, portanto, era superior e civilizada. Esta filosofia preparou as bases para a discriminação contra o negro quando propôs a distinção entre: língua-dialeto; civilizado-selvagem; moderno-atrasado; nação-tribo; branco-negro; cristão-pagão, etc. Essas distinções funcionam até hoje.

É no século XIX que se dá o fortalecimento e a consolidação das ideologias racistas. O pensamento desenvolvido neste período foi fortemente marcado pelo positivismo científico. (SILVA apud NASCIMENTO 1994, p.17),

Em 1835, o francês Arthur de Gobineau<sup>5</sup> é considerado pai do racismo, porque foram suas idéias que transformaram as idéias vigentes no seu tempo em teorias científicas. Seu pensamento foi concretizado em um tratado que ficou conhecido como *Ensaio sobre a Desigualdade das Raças Humanas*, onde identificou e classificou as raças em: branca, amarela e negra. Neste documento era nítido o propósito de defender a superioridade da raça branca.

Nesta teoria procurou provar que certos povos são intrinsecamente superiores a outros por sua civilização ou por outros atributos sociais. Em razão disso, a humanidade devia proteger as raças superiores da ameaça das raças inferiores, pois há uma relação direta entre as faculdades intelectuais e a posição social. Este fundamento teórico forneceu condições para que a classe média na Europa se apoderasse dos privilégios da evolução histórica, considerando-os como um direito “biológico”.(SILVA apud NASCIMENTO, 1994, p. 18).

---

<sup>5</sup> Joseph Arthur de **Gobineau** – (1816 – 1882), diplomata francês, escritor e filósofo, teórico do racismo no século XIX. (Fonte: [www.educa.terra.com.br](http://www.educa.terra.com.br))

Silva também afirma que o pensamento de Charles Darwin<sup>6</sup> contribuiu para a fundamentação da idéias das desigualdades entre as raças. Darwin analisou a vida, criou e explicou a teoria da evolução das espécies através dos seguintes aspectos: O princípio da luta pela sobrevivência e seleção natural, e as origens dos homens. Neste segundo aspecto supôs que estas estariam vinculadas ao continente africano, uma vez que os primatas mais parecidos com o homem, o gorila e o chimpanzé, lá estariam. A vulgarização da teoria Darwinista levou à formação de uma opinião comum de que o homem é herdeiro do macaco e que o negro estava mais próximo dele do que o branco.

Os dois pontos apresentados Darwinismo nos ajudam perceber a comparação que é feita entre as raças: de um lado, os brancos são melhores do que os negros, pois são selecionados e, do outro lado, a pré-humanidade do negro o caracteriza como inferior. A ligação destes argumentos contribuiu para solidificação da teoria da inferioridade das populações negras.

## 2.2 CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO RACISMO NO BRASIL

O racismo no Brasil, ao longo dos séculos, consolidou-se como um dos instrumentos mais eficaz de regulamentação e controle da formas de convivência, das práticas sociais e das inúmeras relações. Aqui o racismo se conformou como ideologia e se materializou na cultura, no comportamento e valores de forma inusitada nos indivíduos e nas organizações sociais. É um caso impar no mundo. (NOGUEIRA, 2002, p. 13).

Desde os anos de 1860, o Brasil já estava em processo de gestação uma ciência, conhecida como a ciência das raças. Mas foi a partir dos finais do século XIX e início do século XX que as teses elaboradas pelo cientista Paul Broca, anatomista e antropólogo francês vão abrir espaços para a discussão sobre a classificação das raças. (NOGUEIRA, 2002). Broca criou uma teoria científica que tinha como premissa explicar as desigualdades entre as raças. Para tanto,

---

<sup>6</sup> Charles **Darwin** – (1809 – 1882), britânico naturalista, cientista formulador da doutrina evolucionista, segundo a qual as raças procedem a uma das outras por evolução. (Fonte: [www.vidaslusofonas.pt](http://www.vidaslusofonas.pt)).

construiu hierarquias raciais, cujas bases eram a superioridade da raça branca e a inferioridade das raças de cor (negros e mestiços).

Segundo o que nos informa Nogueira, Broca e outros cientistas como Chamberlain<sup>7</sup> e Lapouge<sup>8</sup>, valendo-se das teses darwinistas, empenharam-se na elaboração da tese de hierarquização, desenvolveram teorias que promoveram o convencimento sobre a inferioridade dos povos que não tinham a pele da cor branca, destacando a negatividade da mestiçagem.

Foi neste contexto, que a discussão sobre a questão referida ganhou força no Brasil. O cientista brasileiro João Batista Lacerda, professor do curso de Antropologia Física no Museu Nacional, juntamente com os pesquisadores interessados em morfologia e classificação indígena, sistematizaram estudos sobre as raças encontraram argumentos para contornar a visão negativa sobre a mistura das raças e inventaram a tese do branqueamento, nesta, presumiram que a seleção natural e social inspirada no darwinismo social, levaria ao desaparecimento progressivo do índio e do negro e assim teríamos uma nação ou um povo "limpo" das características negativas atribuídas a esses grupos.

O racismo no Brasil surgiu e permaneceu fundamentado na idéia de que a desigualdade entre os seres humanos está nas diferenças biológicas, na natureza e na constituição do ser humano. Segundo MUNANGA (2005), a partir do sistema escravista o racismo é a expressão da conjugação do preconceito de cor (raça inferior) e o preconceito de classe (pobre).

Sendo assim, a formação das ideologias raciais no Brasil se deu entre os séculos XIX e XX. Tanto a teoria da supremacia branca como a ideologia do branqueamento como também o mito da democracia racial são resultados das preocupações da elite do país com a aparentemente alta taxa de miscigenação (TELLES 2003, p. 40), e com os conflitos raciais existentes, procurando diminuir a tensão social, passando uma idéia de sociedade justa e igualitária.

Em 1888, juridicamente a escravidão teve fim, contudo, a inferiorização e a marginalização do povo negro, por ela implantada, não. Os ex-cativos

---

<sup>7</sup> Houston S. Chamberlain – (1855 – 1927), Inglês pensador contemporâneo divulgador do ideário racista na Alemanha. [educaterra.com.br](http://educaterra.com.br)

<sup>8</sup> George Vacher de Lapouge – (1854 – 1936), francês antropólogo e teórico da eugenia (ideologia da pureza racial) [wikipedia.org.br](http://wikipedia.org.br)

permaneceram excluídos do processo de desenvolvimento social, econômico, cultural e político do país. (MUNANGA, 2005, p.44 e 45).

Então podemos concluir que na sociedade brasileira, o sistema de relações raciais está fundamentado em uma singular formulação teórica que propagou uma forma de racismo que se constrói, se manifesta e se mantém nas desvantagens que a população negra tem no acesso a bens materiais e simbólicos. Práticas cotidianas de discriminação, próprias dessa sociedade cumprem o papel de re-instituir a subalternidade das populações negras, o que até pouco tempo era negado.

Todas essas produções teológicas e científicas não resistiram ao tempo, perderam a validade, mas suas seqüelas maléficas permaneceram, fazendo com que a prática do racismo, do preconceito e da discriminação persista na cultura brasileira até os dias atuais.

### **3 ESTUDANDO OS CONCEITOS**

Com base nas idéias da desigualdade racial, apresentadas até aqui, com as quais teóricos e ideólogos pretenderam identificar e provar cientificamente a existência de características que pudessem classificar e ou hierarquizar os seres humanos, vamos a partir de agora estudar alguns conceitos que resultaram dessa formulação ideológica, para que enquanto educadores, agentes de mudanças possamos adquirir conhecimento para estarmos melhores preparados para identificar, discutir, elaborar estratégias de enfrentamento, de combate e eliminação de todas as formas de manifestação do racismo e seus derivados dentro da escola.

#### **3.1 RACISMO**

A palavra *racismo* é usada com vários sentidos. Até o final da década de 60, era definida como doutrina, dogma, ideologia ou conjunto de crenças, cujo elemento essencial era de que a "raça" determinava a cultura, e dela derivavam as alegações de superioridade racial. Depois, num sentido ampliado à palavra é usada para incorporar práticas, atitudes e crenças. (CASHMORE 2000).

Nesse sentido, o racismo denota um complexo de fatores que geram as discriminações raciais, que por sua vez produz as desvantagens raciais.

Consta no Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH), que o racismo é uma ideologia que postula a existência de hierarquia entre os grupos humanos. (LOPES *apud* MUNANGA, 2005, p. 19).

É também uma teoria ou idéia de que existe uma relação de causa e efeito entre características físicas herdadas por uma pessoa e certos traços de sua personalidade, inteligência ou cultura, somando a isso, a noção de que certas raças são naturalmente inferiores ou superiores a outras.

Para Joel Rufino (citado por SANT'ANA, p. 61), o racismo é uma suposição de que há raças e, em seguida, a caracterização biogenética de fenômenos puramente sociais e culturais. É uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro, inspirada nas diferenças fenotípicas da espécie humana.

A conceituação comum de racismo, entre a maioria dos autores, correntes e escolas de pensamento na atualidade, tem suas bases no caráter ideológico, ou seja, é a imputação de características negativas reais ou supostas a um determinado grupo social " neste caso os negros. (NOGUEIRA, 2002, p. 55).

Sendo o racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos. Segundo ele, esse fenômeno por ter sido fortemente difundido no passado, arraigado em diversas culturas e reproduzido de geração em geração, permanece povoando o imaginário popular. (SANT'ANA *apud* MUNANGA, p. 43).

Ao analisar essas idéias, conclui-se que o resultado desse processo de transmissão propiciou a instalação do racismo no Brasil de uma forma tão peculiar e dissimulada que a questão por aqui é tratada como, "coisa decidida" e "aceita", basta observarmos os lugares que são predestinados para os negros, como por

exemplo: favela, periferia, presídios, prostíbulos, serviços braçais, fora das universidades, ou seja, pobres e bandidos. Hoje, na sociedade brasileira, essa ideologia é expressa de variadas formas, das mais sutis às mais perversas.

### 3.2 PRECONCEITO

O preconceito pode ser definido como: conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam um indivíduo ou grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes. (CASHMORE 2000).

No PNDH, a palavra preconceito pode ser definida como: atitude, fenômeno intergrupar, dirigido à pessoa ou grupos de pessoas; predisposição negativa contra alguém, sempre ruim; predisposição negativo-hostil, frente a outro ser humano; desvalorização do outro como pessoa, considerado-o indigno de convivência no mesmo espaço, excluído moralmente. (LOPES *apud* MUNANGA p. 188).

De acordo com BEATO citado por SANT'ANA,

Quando uma pessoa não está convencida de que os membros de determinado grupo são todos violentos e atrasados (ou ao contrário, descentes, brilhantes e criativos), a ponto de não conseguir vê-los como indivíduos, e se nega a tomar conhecimento de evidências que refutam essa sua convicção, então, estamos diante de uma pessoa preconceituosa (SANT'ANA *apud* MUNANGA, 2005, p. 62).

Ao entendermos o preconceito como uma atitude que traz consigo a predisposição deliberada de desvalorizar o outro, nos revela que essa é uma atitude que extrapola o campo da aprendizagem de uma ideologia transmitida de geração a geração ou da falta de informação e entra no campo racional e consciente da decisão. Por conta disso o preconceito não tem limites de

possibilidades de manifestação, é praticamente impossível dizer que alguém seja totalmente destituído de preconceito.

No jeito brasileiro de ser, atitudes preconceituosas fazem parte do comportamento cotidiano de cada um. A nossa forma de pensar em relação ao outro, na maioria das vezes parte do princípio que a diferença é negativa ou inferior. Os nossos padrões são sempre comparativos e competitivos, por isso a valorização individual ou grupal depende da desvalorização do que se coloca em oposição, como por exemplo: o novo e o velho, o forte e fraco, o feio e o belo, o magro e o gordo, o baixo e alto, porém, a questão se aprofunda e se agrava quando essa atitude leva o indivíduo ou o grupo a construir barreiras tão altas a ponto de impedir que o conhecimento, os valores morais e éticos penetrem em suas mentes e façam a mediação das suas decisões e assim prevalecendo às injustiças.

### 3.2.1 PRECONCEITO RACIAL

Valente (citado por LOPES apud MUNANGA, 2005, p 188), afirma que o preconceito racial é a idéia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação à outra, sem razão objetiva ou efetiva, que transformada em atitudes se constitui em um grande entrave para o desenvolvimento da humanidade.

No caso brasileiro o preconceito racial está fundamentado na idéia de que o negro é inferior na escala humana, desta forma, opera em três dimensões: a moral, a intelectual, e a estética. Segundo ele, esse preconceito é reforçado através de atribuições negativas, piadas e brincadeiras. [...] Reside no âmbito da subjetividade, é aprendido junto com outras pessoas, no convívio social.(CARMO 2006, p. 01),

## 3.3 DISCRIMINAÇÃO



Discriminação é a supervalorização de determinadas culturas, dando ao dominador a idéia de que é melhor e desenvolve no discriminado o sentimento de menos valia. Permite que a sociedade seja considerada sob duas óticas: (LOPES MUNANGA, 2005, p. 189),

\*A do discriminador, que manda e se considera o mais capaz, o mais culto, etc.

\*A do discriminado, que é subjugado pela idéias, atitudes e interesses do discriminador.

### 3.3.1 DISCRIMINAÇÃO RACIAL

Ainda segundo LOPES, discriminação racial é atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas.

De acordo com a Convenção de 1966 da Organização das Nações Unidas, discriminação racial significa:

Qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferências baseadas em raça, cor, descendência ou origem nacional, ou étnica que tenha como objetivo ou efeito de anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, os direitos humanos e liberdade fundamental no domínio político-social ou cultural, ou em qualquer outro domínio da vida pública. (SANT'ANA *apud* MUNANGA, 2005, p. 63).

Para Carmo<sup>9</sup>, a discriminação de modo geral e em especial a racial afeta as mais inusitadas áreas do conhecimento humano. (CARMO, 2006, p. 01).

Analisando o pensamento sobre a prática do preconceito na cultura brasileira e os significados dos conceitos de preconceito racial, discriminação e

---

<sup>9</sup> CARMO, Josué G. B. do. – Pedagogo com habilitação em administração escolar 1º e 2º grau e Magistério. Escreveu o Artigo Científico: **As dimensões do Preconceito Racial**, Educação e Literatura, 2006. [www.terra.com.br/educação/josue/index](http://www.terra.com.br/educação/josue/index) - cita LOPES, Ana L., - **Currículo, escola e relações étnico raciais**, In: Educação, africanidade Brasil, MEC-SECAD, Unb- CCAD- Faculdade de Educação, Brasília, 2006, p 21-2.

discriminação racial, podemos perceber que um deriva do outro e que o ponto de partida está na concepção de mundo que fomos formando ao longo do processo de construção da nossa cultura.

Segundo os diversos autores citados neste estudo, toda essa elaboração, teórico prática, se deu historicamente. O racismo, o preconceito racial e a discriminação racial estão altamente ligados ao surgimento e ao desenvolvimento do capitalismo quando a pretensão era construir uma identidade negativa do trabalhador negro escravizado em contraposição à supervalorização do branco de origem europeia, com a intenção de privilegiar o imigrante branco.

A discriminação racial no Brasil tem uma grande responsabilidade pela situação em que vive a maioria do povo negro. Não é à-toa que os negros no Brasil são os mais pobres. A maioria tem pouco estudo, pequeno salário nos trabalhos mais pesados ou desempregados. São muito poucos, quase não se vê negros nos altos postos públicos, eclesiásticos ou em grandes empresas. Tudo isso tem uma explicação!

Hoje, os debates sobre o tema, pretendem aprofundar os significados desses conceitos para além dos motivos sociopolíticos que possibilitaram a sua elaboração, buscando encontrar estratégias e meios para desmontar suas bases ideológicas.

#### **4- RACISMO E SEUS DERIVADOS NA ESCOLA**

No interior da escola segundo (GOUVEIA, 2005) o discurso racista, o preconceito e a discriminação arraigados na nossa cultura passam despercebidos. Estes se manifestam de forma implícita, raramente aparecem em formas diretas, através de hostilidade ou defesa radical da idéia de inferioridade natural dos negros, porém não é mais possível negar a sua existência. Uma gama de pesquisas já comprovou que na escola, principalmente na educação infantil, o processo de discriminação é rotineiro. O livro didático é um exemplo disso. Neste,

o herói, o mocinho, o príncipe, o educado é sempre branco. Ao contrário, o negro, quando apresentado, sua imagem é a de preguiçoso, velho, não inteligente, serviçal, indolente, não humano. (GOUVEIA 2005, p. 83),

Isso traz fortes influências na socialização das crianças. Por um lado, a criança branca aprende e reproduz atitudes e valores preconceituosos, reafirmados pela linguagem verbal e por outro, a criança negra incorpora esse discurso passando a sentir-se a marginalizada, desvalorizada e excluída.

Gomes (In: CAVALLEIRO, 2003, p. 19). complementa afirmando que: "Ao final do processo de socialização a criança não só domina o mundo social circundante, como já incorporou os papéis sociais básicos – seu e de outros, presentes e futuros – mas, acima de tudo, já adquiriu as características fundamentais de sua personalidade e identidade".

A infância é a fase fundamental na estruturação da personalidade humana. As primeiras vivências são profundamente marcantes no processo de formação da identidade social, por isso é importante que a escola trabalhe já nas séries iniciais de forma que não continue afirmando a teoria da inferioridade dos negros, mantendo o preconceito racial. "Experiências mostram a alta sensibilidade das crianças ao contexto das influências sociais em que vivem mesmo quando essas influências têm efeito contrário das forças poderosas que procuram fomentar uma identificação com os próprios grupos raciais ou étnicas da criança". (CHAGAS 1996, p.37).

O ambiente escolar é um espaço impregnado de um racismo silencioso, fundamentado na cristalização das imagens negativas, presentes no imaginário social, cuja criança negra é a maior vítima, por isso, faz-se necessário conhecer a qualidade do processo de socialização vivenciado por elas. (CAVALLEIRO 2003, p. 21).

As afirmações como estas confirmam o que já foi dito anteriormente; a escola por reproduzir as ideologias dominantes tem grande responsabilidade na manutenção das teorias racistas, da ideologia do branqueamento, como também na preservação do mito da democracia racial. Hoje depois de muita discussão admite-se que a socialização realizada por ela, está fundamentada em arquétipos

que desvalorizam e desrespeitam a diversidade étnico-racial existente no Brasil, principalmente quando se trata da relação brancos e negros, há um reforço na idéia do branco mais inteligente, mais bonito e bondoso, como por exemplo, a Princesa Isabel – a salvadora dos negros.

Considerando todos os aspectos e circunstâncias que fazem do povo brasileiro, um povo preconceituoso, entendemos que refletir com os alunos e professores sobre a carga pejorativa das expressões que fazemos uso cotidianamente referindo aos negros contribuirá para não só para a leitura da palavra como também para a compreensão da concepção de mundo, dos valores culturais e sociais que cada um, desmistificando os mitos, as ideologias, os fenômenos e os fatos sociais dos quais direta ou indiretamente estamos envolvidos.

#### 4.1 A LINGUAGEM: EXPRESSÃO DE IDÉIAS E VALORES.

A linguagem é um sistema de signos ou sinais que são usados para indicar coisas para a comunicação entre pessoas e para expressão de idéias, valores e sentimentos. Segundo ela, os signos, ou seja, as palavras e seus componentes (sons e letras) têm uma função comunicativa, isto é, por meio das palavras entramos em relação com os outros, dialogamos, argumentamos, persuadimos, discutimos, expressamos amor e ódio, e também aprendemos e ensinamos. (CHAUÍ 1997, p. 141).

Nos estudos de Bakhtin consta que não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise lingüística deve incluir fatores extralingüísticos, como o contexto da fala, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc. Para ele a palavra é o signo ideológico por excelência e também uma ponte entre dois sujeitos. (BAKHTIN 2004, p. 32)

Compreender o discurso enquanto objeto de estudo é bastante complexo, pois seu caráter é assinalado pelo fato de implicar uma exterioridade à língua, a ser aprendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios à existência dos discursos nos diferentes

contextos sociais, ou seja, as palavras quando são pronunciadas estão impregnadas de aspectos sociais e ideológicos. (FERNANDES 2007, p. 10-18),

O pensamento desses intelectuais nos ajuda a construir um caminho que nos leva a refletir criticamente sobre o discurso racista na sociedade brasileira e na escola.

De acordo com a afirmação de LOPES (*apud* NASCIMENTO, 1994, p. 97): “A linguagem, por refletir a sociedade, não é estática. Uma sociedade racista e sexista como a brasileira mostra, nas decisões sobre o uso de palavras, as decisões políticas que assume. Quando escolhe palavras como “neguinha gostosa” ou “neguinha suja”, torna evidente as conotações políticas que mostram consciente ou inconscientemente o nível de racismo em nosso meio”.

E continua afirmando que: “A linguagem não expressa apenas as idéias e os conceitos, mas tudo o que se pensa. Desta forma se entendemos que somos dominados por uma cultura oriunda da Europa, branca, elitista, então não podemos esperar que nossa linguagem, que é transmissora dessa cultura, não reflita tal fato”. (ibidem).

#### 4.2 NOMEANDO E JULGANDO.

No livro *Os significados do Letramento – uma nova perspectiva sobre a prática da escrita*, KLEIMAM (1995, p. 37), faz algumas afirmações dizendo que:

O ser humano tem necessidade de nomear tudo: as coisas, os seres animados e inanimados, os sentimentos, os costumes, as tradições e as crenças à sua volta. As mensagens que circulam em um ambiente jamais são elaboradas com neutralidade, pois vêm carregadas de julgamentos, de valores, positivos ou negativos.

São esses sistemas de idéias e julgamentos que organizam a noção de cultura. As diferentes respostas é que formam contextos culturais distintos.

Desta forma a linguagem, em todas as suas possibilidades de dar significação ao que pretende um falante, é também um instrumento para veiculação de preconceitos e valores criação e difusão de estereótipos.

São comuns, porém não neutros os exemplos de como o ser humano nomeia, julga e atribui significados às mensagens enviadas para o ambiente em que convive, seja de forma escrita ou verbal.

- \* Você está denegrindo a imagem do nosso grupo!
- \* Ele é a ovelha negra da família.

Vê-se que o termo negro vem carregado de conotação negativa. Denegrir significa tornar negro, logo, o termo negro sugere que isso é ruim. Exemplos com estes nos mostram problemas, expressões que se incorporam no cotidiano das sociedades, que naturalizam o que não deve ser naturalizado, banalizam situações que não devem ser banalizadas, inferiorizam pessoas e os lugares que estas ocupam nos grupos sociais.

A conotação pejorativa no uso das palavras: "negro" e "preto" tem efeitos psicológicos muito sérios para a pessoa dessa cor. A própria definição dessas palavras, transcritas do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, transmite o peso dessa identificação: (FIGUEIRA *apud* NASCIMENTO, 1994, p. 66),

**Preto** - Sujo, encardido, difícil, perigoso...

**Negro** - de cor preta; preto; encardido, melancólico; funesto; lutoso; maldito; sinistro; perverso; nefano, indivíduo da raça negra; escravo.

Ao contrário, a palavra, **branco** tem significados positivos: sem mácula; inocente; puro; cândido; ingênuo; homem de raça branca. Nota-se que a palavra **homem** não figura nas referências à pessoa negra nas respectivas definições. Podemos dizer que isto é seqüela adquirida das teorias racistas.

Todos esses pensamentos indicam que analisar o discurso corrente no interior da escola implica observar os sujeitos em diferentes situações das suas relações cotidianas, atentando para ações que materializam atitudes e valores próprios da ideologia racista.

A naturalização do discurso preconceituoso dificulta a identificação das suas variadas formas de manifestação. No entanto frases tidas como comuns e ingênuas ou até vistas como brincadeiras, expressam a presença do racismo na

cultura brasileira. Na família e na escola essas idéias circulam livremente e é assim que a criança aprende desde cedo a internalizar e externar uma imagem estereotipada do negro e da negra.

#### 4.3 EXPRESSÃO NATURALIZADA DO PRECONCEITO RACIAL

**A fala é divinamente exata, convém ser exato com ela.**

**A língua que falsifica a palavra vicia o sangue daquele que mente.**

**Komo Dibi de Kulikomo**

Palavras, frases e ditos populares usados cotidianamente traduzem o ponto de vista do pensamento dominante, nos permitindo interpretar o significado que o homem negro tem tanto no imaginário, quanto na sua representação social. Desde o período colonial até os dias atuais, a descrição do negro ou ao que se refere à cor negra tem uma conotação ruim e procura mostrar um ser anulado, deformado e sem humanidade.

Exemplos: - Um negro parado é suspeito; correndo é culpado.

- Por que preto não erra? Porque errar é humano.
- Negro só vai à escola quando a está construindo.
- A situação está preta!
- Negra é a ceia em casa alheia.
  
- Preto de alma branca.
- É negro, mas é inteligente.
- É negra, mas é bonita.
- Apesar de negro, ele é legal, é gente boa.
- Tinha que ser preto;
- Não faça serviço de preto;

- Negrinha, Neguinho.
- Preta, Pretona, Negona.
- Negão, Negrinho, Nego sujo, aquele preto.
- Macaco, Gorila, saci, demônio.
- Cabelo duro; cabelo ruim.
- Mão preta, mão suja.

Esse tipo de discurso é a expressão verbal de um escandaloso conteúdo racista que permeia as relações étnico-raciais. Esse conteúdo reproduzido e reforçado no inconsciente coletivo da sociedade brasileira, presente na escola, está tão naturalizado e impregnado nas estruturas do mundo branco em que vivemos, que as pessoas envolvidas por ele, não percebem quando e como estão praticando o racismo. Tudo parece normal. Mas, fazendo uma leitura atenta, percebemos o quanto fazemos uso cotidianamente de expressões com carga pejorativa quando nos referimos ao povo negro.

Para a população negra que sofre as conseqüências, em especial as crianças, prejuízo no seu processo de socialização e formação da sua identidade pessoal e social é grande. O recalque produzido é profundo, levando-as a interiorizar uma imagem negativa de si e de seu grupo, passando a negar sua etnia, procurando assemelhar-se fisicamente com os de cor branca. (CHAGAS 1998, p. 19),

O racismo e o preconceito racial como um conjunto de idéias, atitudes e comportamentos apoiados em conceitos e opiniões não fundamentadas no conhecimento, e sim na sua ausência, estimulam a criação de estereótipos e representações negativas e dão origem ao um estigma que imputados ao indivíduo dificulta sua aceitação no cotidiano da vida social.(CAVALLEIRO, 2000, p 23).

Então na escola, por conta do estigma criado pelo racismo, a criança negra, na convivência com os colegas e educadores, constantemente é atingida por



palavras, piadas e brincadeiras não neutras, que a coloca em uma posição desconfortável de humilhação, desvalorização ou invisibilidade que não fica muito difícil perceber que aquele lugar não foi feito para ela.

Resultados de pesquisas realizadas por Bento Silva, Cavalleiro e Gomes, apresentam uma lista de exemplos de manifestações da influência dos estereótipos no comportamento na relação aluno (a) / aluno (a), na relação professor (a) / aluno (a) no cotidiano escolar, bem como as conseqüências para as crianças negras.

- Quando um aluno negro falta à aula, os colegas brancos não querem lhe emprestar o caderno.

- Muitas vezes existe apenas um aluno negro na sala de aula e ele fica sem ter com quem brincar, visto que muitas crianças brancas preferem brincar com outras crianças da mesma cor.

- Crianças negras raramente são chamadas para participar de apresentações ou não ocupam papéis de destaque.

- Crianças negras são pouco percebidas em sala de aula.

- Na educação infantil, principalmente, os professores tendem a elogiar e ter mais contato físico afetivo com as crianças brancas.

- Na sala de aula esperam-se melhores resultados dos alunos e das alunas brancas, pré-supondo que os não brancos (negros) não sejam inteligentes o suficiente para ter sucesso na aprendizagem.

- O professor ou a professora ao presenciar brincadeiras que expressam situações e atitudes de preconceito e discriminação prefere manter-se indiferente ou em silêncio.

A análise de tais situações apresentadas por Silva, Cavalleiro e Gomes, permite pensar que a falta de coleguismo, a falta de afetividade, o despreparo dos professores para lidar com a questão racial que os levam a optar pelo silêncio diante de conflitos étnicos. A naturalização das ofensas étnicas são fatores que contribuem para manutenção de práticas do racismo e da discriminação que minam a auto-estima dos alunos afro-brasileiros influenciando na decisão de abandonar a escola.

Depoimento de alunos e alunas negros nas pesquisas realizadas por Eliane CAVALLEIRO (2005, p. 84) que comprovam a existência e dos danos causados pelo racismo e preconceito no ambiente escolar:

“O professor mandou a prova para a minha amiga, em casa, e para mim não. Porque sou negra. E ele me detestava. Ele me reprovou. Depois disso, desanimei. Comecei a me prejudicar, porque eu sabia que tinha acontecido isso por causa do racismo. Eu estudava e tudo, mas era uma coisa muito forçada, porque eu comecei a ficar retraída, com vergonha de ser negra. Era discriminada também pelos colegas. Eu cheguei a me tornar uma pessoa muito revoltada.” (Revista Nova Escola – Março 1999, p. 17).

“As crianças só brincam comigo quando eu trago brinquedo, porque eu sou preta. Ela se lembra de uma exceção: A Camila, que é branca, não tem nojo de mim. Eliane pergunta: Mas as outras crianças têm nojo de você? A menina responde: Têm. Ela me xingou de preta fedida. Eu contei para a professora, que não fez nada”. (idem, p. 19).

“Na roda de amigos, quando eu me aproximava logo alguém dizia: Eu não chamei você, preta, só tem branca na rodinha. Não tem preta.”(idem, p. 21).

Diante de situações vivenciadas como as descritas acima, não se pode negar que o preconceito e a discriminação no ambiente escolar se constituem em um problema grave que atinge diretamente a criança negra, visto que ela diariamente é violentada pelas injustiças, que afetam sua infância e comprometem o desenvolvimento de sua vida social, por outro lado, afeta também a criança branca que crescem crendo em uma falsa idéia de superioridade.

#### 4.4 NECESSIDADES DE MUDANÇAS: O SILÊNCIO TEM QUE ACABAR

**O preconceito, doença que turva nosso olhar e entorta  
nossa alma, que nos diminui e nos emburrece.**

**O preconceito racial nos coloca na condição de  
criminosos.**

**Lya Luft**

O preconceito na cultura brasileira é um fato. É comportamento arraigado e reproduzido, porém não pode continuar sendo aceito ou disfarçado, por isso a questão deve ser abordada abertamente, sem constrangimento. Educadores que até então adotavam o silêncio como forma de não enfrentar os conflitos, por omissão ou por falta de preparo, se quiserem poderão fazer diferente e fazer a diferença na escola. Uma das estratégias para desconstruir e combater idéias preconceituosas no ambiente escolar é não fechar os olhos, a boca e os ouvidos para as situações e circunstâncias em que elas ocorrem, e sim se posicionando com conhecimento e compromisso com a mudança de mentalidade.

Neste caso a tarefa preliminar e mais importante é a renovação das mentes dos professores, pois esta transformação nos fará pensar e agir como verdadeiros educadores, capazes de intervir pedagogicamente nas relações étnico-raciais, promovendo um ambiente onde todas as crianças tenham as mesmas condições de aprendizagem, contribuindo assim para a construção de uma sociedade democracia e justa. (MUNANGA 2005, p. 17).

É fundamental para um desenvolvimento tranquilo, que a criança se sinta valorizada pelo seu corpo, seu intelecto e sua moral. Essa seria a primeira estratégia para eliminação do racismo, pois é essa experiência de valorização que o preconceito racial tenta impedir na criança e no jovem negro). (CARMO 2006 p. 01).

Outra estratégia ricamente produtiva é buscar conhecimento para a realização dos propósitos tanto da Lei 10.639/03, quanto do parecer 03/04 do CEE/ PR: dar ênfase à História e Cultura Africana e Afro-brasileira, não por entender como uma imposição da lei, mas por compreender que todo educador é

agente da conservação ou da transformação de pensamentos, valores e princípios. Desta forma o professor e a professora poderão utilizar-se pedagogicamente das circunstâncias que ocorrem no cotidiano, das próprias expressões pejorativas para desfazer toda essa construção perversa e ensinar através da riqueza cultural, política e social da África trazida para o Brasil pelos negros africanos, discutir a respeito da diversidade étnica e cultural, possibilitar por meio de oficinas de artes, teatros, leituras, músicas e filmes, o contato e a apreensão de conteúdos da cultura africana e afro-brasileira que até então estão excluídos dos currículos pela cultura dominante, proporcionando uma aprendizagem que promova o reconhecimento e a valorização da contribuição africana na formação da identidade da nação brasileira.

#### 4.5 PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS / PEDAGÓGICOS

Na educação étnico-racial é necessário que a discussão teórica e conceitual sobre a questão racial esteja acompanhada da adoção de práticas concretas. (GOMES *apud* MUNANGA, 2005, p. 149).

É interessante que sejam construídas condições para que professores possam vivenciar, analisar e propor estratégias de intervenção que tenham a valorização da cultura negra e a eliminação de práticas racistas como foco principal. (LOPES *apud* MUNANGA, 2005, p. 187).

Essas orientações indicam que para o combate ao racismo, o enfrentamento ao preconceito e à discriminação no interior escola, deve-se adotar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana, povos e nações, valorização que se alcança quando se descobre que as pessoas, mesmo com suas diferenças, ainda são iguais entre si, com direitos de acesso e de usufruir os bens materiais, culturais e serviços de que a sociedade dispõe.

Para tanto, citaremos aqui algumas pistas para elaboração de estratégias para desnaturalizar o preconceito racial no interior da escola:

- Não iniciar o trabalho sobre a questão racial a partir da escravidão / escravização;

- Referenciar positivamente o continente africano/ África: apresentar fotos de grandes cidades, heróis, artistas; falar sobre as lutas de resistência ao processo de escravização;
- Abordar sobre a contribuição dos africanos na formação da cultura de outros povos, em especial a cultura brasileira;
- Superar a idéia de que o fim da escravidão foi um presente da Princesa Isabel;
- Realizar oficinas de literatura com histórias africanas, proporcionando momentos de reflexões para que as crianças brancas e negras construam uma convivência livre do preconceito;
- Realizar oficinas de artes e música folclórica africana e afro-brasileira, abordando a herança africana;
- Desfile: Beleza Negra, com o objetivo de mostrar que a raça negra é tão linda como qualquer outra, tendo o cuidado para não cair na armadilha que apenas reforça padrões estéticos ditados pela mídia. A preocupação deve ser apresentar aspectos da cultura africana como, por exemplo, vestuário, penteados (cabeças), adornos e outros.
- Utilizar a dramatização para problematizar e discutir a presença do preconceito no cinema, na TV, no teatro, analisando os papéis que são reservados para os negros;
- Refazer as frases com conotação negativa usando de criatividade: paródias, artes visuais, cartazes e etc.
- Promover eventos, como por exemplo: Semana África – Brasil e / ou África e Brasil ontem e hoje, com exibição e debates sobre filmes, palestras com militantes dos movimentos negros e organizações afins.

A realização de um trabalho estruturado, organizado e comprometido envolvendo alunos e professores de todas as séries e graus de ensino, ampliando para toda comunidade escolar, poderá provocar uma cadeia de reações positivas e afirmativas que mudará o modo de pensar, possibilitando a reconstrução das relações étnico-raciais desgastadas pelos quatro séculos de divergências e

conflitos raciais e sociais e a construção da identidade positiva das populações negras.

### Sugestões de filmes e documentários

- **Adivinhe quem vem para jantar:** Gênero: Drama, EUA/ 1998, Direção: Stanley Kramer. Spencer Tracy e Katharine Hepburn (que foi premiada com o Oscar de Melhor Atriz por sua atuação) estão inesquecíveis como os atônitos pais, neste filme de 1967 que é um marco sobre as questões de miscigenação racial no casamento. Joanna (Katharine Houghton), a bela filha de um editor liberal, Mathew Drayton (Tracy), e sua esposa aristocrata, Chirstina (Hepburn), retorna para casa com seu novo namorado, John Prentice (Sidney Poitier), um ilustre médico negro. Christina aceita a decisão de sua filha de se casar com John, mas Matthew está chocado com essa união inter-racial; bem como os pais do médico. Para acertar as coisas, ambas as famílias devem sentar-se frente a frente e examinar os seus níveis de intolerância. Em *Adivinhe Quem Vem Para Jantar* o diretor Stanley Kramer criou um estudo magistral dos preconceitos sociais.

- **Retrato em Branco e Preto:** Realização: CEERT - Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, Direção: Joel Zito Araújo, Duração: 15 minutos. Um homem negro e de classe média escreve uma carta a um amigo estrangeiro na tentativa de explicar-lhe a real situação dos afrodescendentes no Brasil. Este é o pano de fundo do documentário *Retrato em Preto e Branco*, filme que revela um Brasil preconceituoso e desigual. Estas pessoas, que representam mais da metade da população brasileira, vivem à margem das oportunidades de trabalho, educação, saúde e moradia, convivendo com o abandono das crianças e a violência policial. O filme mostra que no Brasil há uma sociedade etnocêntrica, desigual e racista. *Retrato em Branco e Preto* se apóia em pesquisas sócio-econômicas e revela que a reprodução do preconceito se dá a partir da escola e pela mídia, que insiste em ser espelho em um povo brasileiro que não existe, com suas Xuxas, Angélicas e outros rostinhos alvos.

- **Cronicamente inviável:** Gênero: Drama, Duração: 101 min. Brasil / 2000, Direção: Sergio Bianchi. O filme mostra trechos das histórias de 6 personagens, mostrando a dificuldade de sobrevivência mental e física em meio ao caos da sociedade brasileira, que atinge a todos independentemente da posição social ou da postura assumida.

- **Amistad:** Gênero:Drama,Duração: 154 minutos, Ano de Lançamento: 1997,Direção: Steven Spielberg. O navio negreiro espanhol *La Amistad* é capturado na costa dos EUA, depois que os 53 africanos a bordo se amotinam. Durante o julgamento dos escravos, vários interesses entram em jogo: a luta abolicionista, a reeleição do presidente americano, as boas relações internacionais (entre EUA e Espanha, dona do navio). Diante das proporções que o evento toma, o ex-presidente John Quincy Adams (Anthony Hopkins), um abolicionista não assumido, resolve sair da sua aposentadoria voluntária para defender os africanos na Suprema Corte Americana.

- **Diamante de Sangue:** Gênero: Aventura, 16anos, Duração: 141minutos, ano de lançamento 2006, Direção:Edward Zwick. No país africano Serra Leoa, na década de 90, o filme acompanha a história de Danny Archer (Leonardo DiCaprio), um mercenário sul-africano, e o pescador Solomon Vandy (Djimon Hounsou). Apesar de terem nascido no mesmo continente, têm histórias completamente diferentes, mas seus destinos são unidos por conta da busca por um raro diamante cor-de-rosa. Com a ajuda de Maddy Bowen (Jennifer Connelly), uma jornalista norte-americana, eles embarcam numa perigosa jornada em meio ao instável território.

- **Atabaques Nzinga:** Gênero: Musical. Duração: 84 min. Brasil: 2008. Direção: Octávio Bezerra. Filme musical sobre a Cultura Afro Brasileira, cuja estrutura narrativa se traduz por um jogo de búzios, onde nossa protagonista Ana (Taís Araújo) chega atraída pelo "chamado do tambor" em

busca de seu autoconhecimento e seu caminho. Pela estrada da percussão nas locações de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, Ana encontra diferentes ritmos, grupos musicais e coreográficos, experienciando sua integração na sociedade brasileira. O material filmado em Angola, África, onde no séc. XVII viveu e reinou a Rainha Nzinga, guerreira famosa, cujo nome serve de batismo à protagonista do filme, é uma referência e ilustra o passado da história do negro no Brasil.

- **Perigo para a Sociedade:** (Menace II Society, EUA, 1993) Gênero: Drama / suspense. Duração 97 minutos. Direção: The Hungles Brothers. Rapaz inteligente e trabalhador tenta de todas as formas fugir do rigor e das tentações do gueto em que vive. Seu objetivo é ficar longe da violência e da marginalidade para conquistar uma vida melhor.

- **Crash - No Limite:** (EUA, Alemanha, 2004) Gênero: Crime / Drama. Duração: 113 minutos. Direção: Paul Haggis. Um casal de americanos. Um persa dono de comércio. Dois policiais e amantes latinos. Um negro diretor de TV e sua mulher. Casal de meia-idade coreano. Estas e outras pessoas vivem em Los Angeles e, juntas, serão vítimas de grave acidente. E assim começa uma complexa análise do conflito racial na América. Oscar de melhor filme em 2006.

- **O poder de um jovem:** Gênero: Aventura, Duração 127min, livre, EUA / 1992, Direção: John G. Avildsen. Um garoto branco sul-africano de origem inglesa, Afrikaners (descendentes locais de holandeses, franceses e alemães), que sofre o ódio dos brancos campeão torna-se de boxe e defensor dos negros contra o sistema de segregação racial (o Apartheid). Uma lição de vida e coragem, com um elenco de alta classe.

- **A negação do Brasil:** Gênero: Documentário, 12anos, Duração: 90 min, Brasil / 2000, Direção: Joel Zito Araújo. O documentário é uma viagem na história da telenovela no Brasil e particularmente uma análise do papel nelas atribuído aos atores negros, que sempre representam personagens mais estereotipados e negativos. Baseado em suas memórias e em fortes evidências de pesquisas, o diretor aponta as influências das telenovelas nos processos de identidade étnica dos afro-brasileiros e faz um manifesto pela incorporação positiva do negro nas imagens televisivas do país.

- **Quando o crioulo dança?** Gênero: documentário. Direção: Sergio Bianchi, Brasil / 2005. Filme de ficção, baseado num conto de Machado de Assis. O filme traça um paralelo entre a vida no período da escravidão e a sociedade brasileira contemporânea, focalizando as semelhanças existentes no contexto social e econômico das duas épocas. A ação se desenrola nesses dois períodos históricos, ao mesmo tempo. Ao traçar esse paralelo entre o século XIX e o tempo atual, o filme questiona até que ponto a estrutura da sociedade brasileira realmente mudou da época colonial até hoje.

- **Quase Dois Irmãos:** Gênero: documentário. Direção: Lucia Murat, Brasil, 2005. Retrata as diferenças raciais vividas entre prisioneiros brancos (presos políticos) e negros (presos comuns) no presídio da Ilha Grande, nos anos 70. Miguel é um Senador da República que visita seu amigo de infância Jorge, que se tornou um poderoso traficante de drogas do Rio de Janeiro, para lhe propor um projeto social nas favelas. Retrata o abismo entre brancos e negros na sociedade brasileira.

- **Um grito de liberdade:** Gênero: documentário. Direção: Richard Attenborough, 1987. Sobre a luta contra o apartheid, na África do Sul, enfocada sob o ponto de vista de um homem branco e de um negro.

- **Além de trabalhador, negro:** Direção: Daniel Brazil, Brasil, 1989. Um filme didático que apresenta a trajetória do negro brasileiro da abolição até os dias atuais.

- **Vista a minha pele:** Direção: Joel Zito Araújo & Dandara. Brasil, 2004. É uma paródia da realidade brasileira, para servir de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala de aula. Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados.

- **Quilombo:** Direção Cacá Diegues. Brasil, 1984. Num engenho de Pernambuco , por volta de 1650, um grupo de escravos se rebela e ruma ao Quilombo dos Palmares , onde existe uma nação de ex-escravos fugidos que resiste ao cerco colonial, entre eles Ganga Zumba , um príncipe africano . Tempos depois, seu herdeiro e afilhado, Zumbi, contesta as idéias conciliatórias de Ganga Zumba e enfrenta o maior exército jamais, visto na história colonial brasileira.

- **O que é movimento negro? :** 1998. 15 min. Sobre o movimento negro no Brasil. Apresenta didaticamente a luta dos negros pela igualdade, desde os tempos da escravidão até os dias de hoje. O filme começa apresentando, no período colonial, as formas de luta e resistência dos negros escravos, como o Banzo e os Quilombos. Fala de Zumbi e das revoltas dos Malês e dos Alfiates.

- **Alguém falou de racismo? :** Rio de Janeiro / 2003. Duração: 20 minutos. Direção: CECIP / Fundação Cultural Palmares. – Min. C. Campanha Direitos é para Valer! Ação contra a discriminação – Uma discussão em sala de aula que revela a existência disfarçada do preconceito “sem querer”, mas que fere do mesmo jeito. A partir daí, um grupo de jovens começa a descobrir as origens de um racismo do qual eles são vítimas e também, sem perceber, os usam para ferir.

- **Discriminação não é legal:** Rio de Janeiro / 2000. Duração: 20 minutos. Direção Daniel Caetano. Apresenta três esquetes, representados por alunos e educadores da rede pública de ensino, cujo conteúdo é comentado por especialista em educação e representantes de instituições do movimento negro. A escola não é a única responsável pela consolidação de estigmas, mas pode e deve evitar a expansão da discriminação e do preconceito.

- **A Família da Noiva:** *Gênero:* Comédia. *Duração:* 97 minutos. *EUA / 2005.* Um pai de família decide investigar o novo namorado de sua filha, antes de conhecê-lo. Convencido de que o jovem é um bom pretendente, ele fica surpreso ao descobrir que sua filha está namorado um branco. Com Bernie Mac e Ashton Kutcher.

- **Crianças Invisíveis:** Gêneros: [Drama](#). *Duração:* 7 min. 2005. *Direção:* [Ridley Scott](#), [Spike Lee](#), [John Woo](#), [Emir Kusturica](#), [Kátia Lund](#), [Jordan Scott](#), [Mehdi Charef](#), [Stefano Veneruso](#).

Seja coletando sucata nas ruas de São Paulo ou roubando para viver em Nápoles e no interior da Sérvia, os filmes são protagonizados por personagens infantis que lidam com uma dura realidade, na qual crescer muito cedo acaba sendo a única saída.

### Relação de Sítios:

[www.penafrica.folha.blog.uol.com.br](http://www.penafrica.folha.blog.uol.com.br)

[www.casadasafricas.gov.br](http://www.casadasafricas.gov.br)

[www.ceert@uol.com.br](mailto:www.ceert@uol.com.br)

[www.nen.org.br](http://www.nen.org.br)

[www.palmares.gov.br](http://www.palmares.gov.br)

[www.nzinga.org.br](http://www.nzinga.org.br)

[www.cecip.com.br](http://www.cecip.com.br)



## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

O racismo é fruto de um longo processo de elaboração de teorias que propuseram fomentar idéias e valores sociais que colocaram em risco a existência de vários grupos humanos. Como toda ideologia, a da desigualdade entre as raças foi construída e é reconstruída nas relações estabelecidas entre os homens.

Na sociedade brasileira as raízes do racismo atingiram solos profundos, espalhando-se por toda estrutura social, perdurando confortavelmente por séculos na nossa cultura, acumulando uma grande dívida social com as etnias negras que segundo Abdias do Nascimento: Não vieram por vontade própria em busca de riquezas, foram trazidas para cá, como escravos e aqui trabalharam por quase cinco séculos construindo este país, ao qual se deram por inteiro, sem ódio, sem ressentimentos, procurando apenas a grandeza nacional.

Ao fim deste estudo creditamos que, assim como essas idéias foram construídas, podem e devem ser desconstruídas. Uma reflexão crítica em torno da questão étnico-racial se faz necessária em todos os setores e segmentos da sociedade, porém, de forma muito especial dentro da escola envolvendo todos os trabalhadores em educação e estudantes, pois sendo este um importante espaço de aprendizagem, é também um espaço que reproduz e reitera a ideologia racista na cultura da sociedade. É necessário tomar consciência dessa realidade para que se possa efetivamente fazer transformações e educar para a igualdade.

Como disse Nelson Mandela, uma pessoa não nasce com idéias racista ou sentimentos de superioridade ou inferioridade. Elas aprendem. Neste caso a educação escolar tem um papel fundamental na reversão dessa aprendizagem.

Sem tempo a perder, o trabalho de educação anti-racista deve começar cedo, já na educação infantil, pois sendo este o momento em que a criança inicia o processo de construção de sua identidade é importante que conheça a diversidade étnico-racial que compõe a cultura brasileira e assim não só a criança branca, mas a negra, a indígena possa se ver como membro/ cidadão brasileiro.

Seja de qualquer origem étnica aprenda a respeitar e a valorizar a imagem que tem de si e do outro, que tenha modelos que confirmem suas expectativas, que afirmem positivamente sua identidade social. Quem conhece suas raízes tem mais segurança.

Desta forma, tratar das questões raciais no cotidiano da escola debatendo sobre os mecanismos de transmissão e manutenção do racismo, do preconceito e da discriminação, é enfrentar o desafio de desvelar e desmontar as suas artimanhas, elaborando conhecimentos, investindo em estratégias que venham atender as necessidades específicas dos alunos negros e das alunas negras corrigindo o estigma da desigualdade e da inferioridade, bem como facilitar as trocas interculturais dentro e fora da escola, fazendo do processo educativo um caminho para a superação dos mesmos, eliminando a cultura racista, rompendo as barreiras que impedem o reconhecimento da igualdade humana.

## **6. REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASÍLIA. , Ministério da Educação-**História da Educação do Negro e Outras histórias**, Coleção Educação Para Todos, 2005.

CARMO, Josué G. B. **As dimensões do Preconceito Racial**, Educação e Literatura, Artigo Científico, 2006. <http://páginas.terra.com.br/educação/josué/index%20150.htm>.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**, São Paulo: Summus, 2000.

CAVALLEIRO Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, Preconceito e discriminação na educação infantil**, São Paulo: Contexto, 2000.

CHAGAS, Conceição Corrêa. **Negro uma identidade em construção – dificuldades e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1997.

COSTA, Hilton e SILVA, Paulo V. B. (org). **Notas de História e Cultura Afro-Brasileiras**. Ponta Grossa: Editora UEPG / UFPR, 2007.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

\_\_\_\_\_. **Formação docente para a educação infantil: política e metodologia para a promoção da igualdade racial**. Boletim Ebulição, Junho / 2008.

GOMES, J.V. **Família, escola, Trabalho: Construindo desigualdades e identidades subalternas**. São Paulo. FEUSP, 1996 (tese de livre-docência).

GOUVÊA, Maria C. S. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica** (artigo científico) - Universidade Federal de Minas Gerais - Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005.

KLEIMAM, A. B. (org) – **Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LIMA, Ivan Costa. **As Propostas pedagógicas do Movimento Negro no Brasil**

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Interétnica uma ação de Combate ao Racismo** (tese de mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina Núcleo de Estudos Negro, 2001.

MUNANGA, Kabengele (org.) – **Superando o Racismo na Escola**, 2ª edição. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org) – **SANKOFA, Resgate da Cultura Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Seafo, 1994.

NOGUEIRA, J.C. **Multiculturalismo e Pedagogia Multirracial e Popular** – Série Pensando o Negro em Educação. Editora Atilénde (Núcleo de Estudos Negros). Florianópolis, 2002.

\_\_\_\_\_ **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

Revista Nova Escola – Março 1999 – Reportagem Especial: **O Silêncio Vai Acabar.**

SILVA, P.V.B. **Personagens negros e brancos em livro didáticos de Língua Portuguesa– GT: Afro-brasileiros e Educação** - artigo científico, UFPR e PUC/SP- [paulosilva@ufpr.br](mailto:paulosilva@ufpr.br)

TELLES Edward. **Racismo à brasileira: uma perspectiva sociológica**, Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.

VALENTE, Ana Lucia E. F. - **Ser negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Editora Moderna, 1998.